



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 15 de Maio de 1982 * Ano XXXIX — N.º 996 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

SETÚBAL

Setúbal tem sido, ultimamente, sacudida por crimes horríveis de jovens — que nos devem merecer muita reflexão.

Entre as pessoas mais influenciáveis, com menos capacidade de discernimento, mais expostas ao perigo e mais facilmente seduzíveis, os jovens ocupam o primeiro lugar. Não admira, pois, que eles sejam as primeiras vítimas e os primeiros criminosos, numa sociedade organizada sem ter em conta a situação específica da juventude.

As correntes de opinião e os políticos, sobretudo os dominados pelo materialismo, atiram-se, empurrando todos os males dos jovens para a falta de emprego.

Sem querermos, em nada, diminuir a influência exercida na criminalidade juvenil pela falta de lugares de trabalho, não especializado, para os novos que deixaram de prosse-

guir os estudos, ou abandonaram a ocupação que lhes preenchia o tempo e o espírito, queremos acentuar que o desemprego não é a causa exclusiva de todos os males, nem sequer determinante. É um dos factores, mas, de modo nenhum, um factor decisivo.

Para além de uma educação permissiva em que a criança e ao adolescente nada faltou, e para não «traumatizar» a intocável personalidade, tudo foi permitido; a sociedade de consumo franquista, ao jovem, todas as oportunidades de saciar as suas paixões e instintos, sem olhar a meios ou a princípios morais ou humanos. Instalou-se, assim, no conceito geral, que liberdade é igual a tudo ser permitido ao homem sem barreiras nem limites, confundindo-se com libertinagem. Assim, a libertinagem desapareceu; o que existe agora é liberdade. Quando observamos

exactamente o contrário: a liberdade é quase nula, o que vigora é a libertinagem.

Com o conceito de que política é exclusivamente o zelo dos interesses materiais das classes dominantes e, na prática, não vislumbramos outro aspecto — o professor em vez de zelar pelos interesses dos alunos olha pelos seus; a Escola em vez de estar ao serviço dos instruídos serve os professores e mais funcionários; a Assistência em vez de se dirigir aos assistidos, volta-se, em primeiro lugar, para os assistentes; a economia, em vez de servir o homem, é dominada pelo capital, etc., etc.

Que admira, pois, que o jovem, em vez de pautar a sua vida por um ideal nobre e digno se sirva a si mesmo no imediato das suas paixões ou instintos irracionais?! É a lógica da ambiência.

Pela mesma lógica, nos ho-

PRESENTE

É da génese da Obra da Rua que os seus padres «onde quer que estejam, sirvam a Igreja em nome do Ordinário do lugar e em união com ele».

Pai Américo não deu um só passo que não fosse em união com o Bispo — sempre com amor, carinho e reverência.

A nossa vocação específica — «um apostolado de Caridade incarnado em acção social» — não quebra a união com os nossos Bispos, antes a fortalece.

Em nome da Obra da Rua dizemos presente ao sr. D. António Ferreira Gomes para lhe testemunharmos gratidão pelo seu carinho pela Obra da Rua e suas palavras de orientação, conforto e estímulo. Ao sr. D. Júlio Tavares Rebimbas, actual Bispo do Porto, presentes no serviço dos mais pobres.

Padre Telmo

rários escolares não se atende em primeiro lugar à necessidade que o jovem tem de aproveitar o tempo e ocupar o espírito. Não; os professores são donos das primeiras exigências. Têm as suas salas de reunião e convívio. Os alunos têm a rua. Nem sequer um local recolhido onde possam aproveitar os intervalos das aulas, que por vezes são bem longos, sob a ajuda de um vigilante que os ajude no estudo ou na leitura. Mas, fora dos portões da Escola, às vezes bem próximas, existem discotecas com abundância, com boa música, bom ambiente, «boas e agradáveis» companhias; e, se é à noite, as boites, às dezenas, franqueiam as suas portas sedutoras, sem exigências de

idade, maturidade, saúde ou equilíbrio, a todos os que se apresentam, contanto que tragam as algibeiras «quentes».

Se há vinte e cinco anos podíamos dizer que Setúbal era a cidade das tabernas — tantas vezes único lugar de encontro e convívio do pescador ou trabalhador pobre — hoje verificamos ser a cidade das boites e do deboche, tendo como único fim o lucro dos donos e a miséria de quantos ali caem.

Que admira, pois, que os jovens arrombem casas, furem a torto e a direito, assaltem, matem ou façam trinta por uma linha, para conseguirem dinheiro? Que admira?!

— Mas, dirão, a polícia que

Cont. na 3.ª página

PARTILHANDO

● Era o dia um de Maio. De manhã, ainda cedo, o «Laranja» veio acordar-me por causa de um problema. Não tinha roupa de trabalho. É o Dia do Trabalhador! Ele é vaqueiro. Tinha sido da limpeza da casa 3, mas chorava que queria sair de lá e ir para junto das vaquinhas. Assim foi. O contacto com a Natureza e os animais ajudam a sarar certas feridas da alma. Ele, no meio dos touros, dos porquinhos, do potro que a nossa égua teve e do cabritinho abandonado e oferecido por uns senhores, vive tão calmo que, às vezes, até é demais. Dantes, na sua terra, era preciso um batalhão de polícias para o dominar! O segredo de estar fora de sua terra, mas como em sua casa, com a liberdade de nos acordar por causa de sua obrigação, dá-lhe segurança de ir crescendo, amparado e acarinhado. Aqui não há milagre. Há situações e circunstâncias muito humanas nas quais Deus

opera e transforma, pela Sua presença, o coração dos homens.

● Nesse mesmo dia, viemos à tardinha para a venda do nosso jornal, no Porto. Tinha havido manifestações e confusões na rua. As pessoas, na cidade, estavam preocupadas. E transmitiram esse estado de espírito aos nossos vendedores d'O GAIATO. O mais atingido foi o «Vila Real». Ao dar contas dos 50 jornais que levava, começou a falar, a falar, mas preocupado... Diz-lhe o Nave:

— Tanta conversa para dizeres que não vendeste nenhum jornal...!

— Vendi 4 jornais — disse ele, triste e assustado!

Explicou então que alguém lhe teria dito que não andasse na rua a vender, nesse dia. E ele, assim fez. Encostou-se lá a um cantinho, a fazer horas para vir embora. Eu talvez fizesse o mesmo...

Foi um mau dia de trabalho para o «Vila Real». E não só... infelizmente.

Cont. na 4.ª página



O contacto com a Natureza e os animais ajudam a sarar certas feridas da alma

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

«BATATINHAS» — Eu tenho falado pouco dos nossos «reis». Cada dia que passa, parece-me vê-los maiores. Parece que os vemos «crescer em idade, ciência e graça». Tanto o Tó como o Ruizito e outros — não todos — assim acontece. Como tal, o sentido da responsabilidade tem que acompanhar. Por via disto é que houve que chamá-los a «tribunal». Alguém, com responsabilidade geral, passou. Estranhou ver o chefe de trabalho dos «Batatas» sózinho. Pergunta pelos seus. — «Fugiram-me todos».

A hora da reunião da comunidade, no refeitório, os faltosos vão pró meio. O chefe deles também. Um a um foi-se falando do porquê da fuga ao dever. O caso esteve muito bocado. A hora ia passando, e o caldinho que o Marcolino lhes serve ia arrefecendo. As barriguitas iam desejando ser saciadas. Foi um sofrer delés. Só susto. O chefe foi avisado e os subordinados também. A responsabilidade é uma estaca forte para o crescimento de todos nós. Quando fege a noção dela, o desenvolvimento é torto. Há atropelos, desordem, guerras! Ora, as Casas do Gaiato existem por via da irresponsabilidade; dos que, com capacidade, fogem à missão que lhes compete.

Eis o que muitas vezes os Tribunais comuns não conseguem enxergar!

Roubar os nossos à desordem não é fácil, mas gostoso ao fim e ao cabo.

LAMA E ESCURIDÃO — Eu fui passar uns dias pró Norte por ordem médica. Instalei-me em Vila Nova de Gaia. De vez em quando atravessava a ponte e percorria aquelas zonas mais ribeirinhas. Subia e descia aquelas ruas mais su-



João Aníbal e esposa, no dia do casamento. Agora veio até nós — «matar saudades e mostrar a minha mulher». Ele entrou muito pequenino pra nossa Casa do Gaiato de Setúbal.

jas, mal cheirosas onde a escuridão é.

Aqui e ali, mulheres sentadas e emcoçadas nos portais diziam em silêncio o porquê daquela escuridão. Elas próprias eram escondidas pelo negrume, porque foram criadas pra luz!...

Eu não sei se alguma vez subistes a rua da Banharia, a rua Escura, e outras que não têm o mesmo nome, mas que de facto o são. O escuro no exterior, ele no interior daquela gente bem marcada...

Vi crianças sujas e ranhosas, que são a continuação daquele negrume. Silvas que poderiam ser rosas! Era tempo de Quaresma, de reflexão. Subi e descí mais ruas. A escuridão era ainda maior, apesar de vestes mais ricas e vistosas.

É o negócio escravizador. São rapazes e raparigas dentro de casas onde existe o jogo de máquinas. É a vida de prostituição dalgumas delas, que sustenta todo aquele viver. Algumas daquelas já nasceram ali. Outras acorrentadas por algumas do mau ambiente. As leis dos homens fecham os olhos. Dão licença, dão facilidades! Os carros de grande luxo não passam por ali por via de não enxergarem o caminho. Falta-lhes a luz! Outros, sim. Mas estes são os carros da polícia e os de serviço de higiene. Vêm recolher o «lixo» humano que não seria, se tu mais eu destapássemos o véu escuro que nos venda os olhos para a verdade e justiça dos Outros.

Os que legislam, os que fazem as leis, nunca saberão compreender os códigos. A silva fica, mas a roseira também. É mais fácil pegar numa pedra e atirá-la, do que nos desviamos doutra que nos é atirada. Causa-nos medo! É preciso ter vivido o arrastar da silva, para se saborear quanto é bela a roseira num jardim.

Quem, daquele silvado, não quereria ser enxertado em roseira para fazer parte do jardim onde vêm outros — seus semelhantes? Quem, daqueles pântanos lamacentos, não ambicionará subir para um lugar ao sol?

Deixo a lama mai-la escuridão para ver se entram pelos gabinetes e pelas secretarias, para que ao senti-las acordadas e seja legislado no sentido de salvar e colocar luz onde há trevas. Que assim seja.

Ernesto Pinto

Paço de Sousa

FORMAÇÃO PROFISSIONAL — Encerrou-se o curso de monitores que se realizou em nossa Aldeia — como já tive oportunidade de noticiar no último número do «Famoso».

Este curso, que teve a duração de cerca de três semanas, valorizou mais a técnica de ensino dos mestres das nossas oficinas, que ficaram assim aptos a «poderem orientar os rapazes na aquisição de novos conhecimentos profissionais».

Porque o curso foi muito rápido, é importante que se tente o aperfeiçoamento daquilo que se aprendeu. Há grande empenho nisso por par-

te deles — o que é muito bom.

Que esta força não vá abaixo, para que os nossos rapazes possam aprender mais e melhor!

OBRAS — As obras são fonte de escoamento de grandes verbas! Ultimamente elas têm-se sucedido ininterruptamente. Algumas já foram concluídas, mas muitas outras faltam. A casa-mãe e as escolas estão quase prontas.

Tem sido grande empreitada em concertos de moradias que, devido ao tempo, já não estavam em condições.

VISITANTES — Nesta Primavera que começa já a ter um cheirinho a Verão, a nossa Aldeia é envolvida numa grande onda de visitas de todo o País!

Muitas famílias vêm passar o domingo connosco e procuram a sombra das nossas árvores para a merenda.

São Amigos que querem confraternizar connosco.

Agradecemos e desejamos que venham sempre; os nossos portões estão abertos para todos.

AGRO-PECUÁRIA — A máquina começou a trabalhar com grande ruído e a erva a ser ensilada. Trabalho cansativo este, de apanhar a erva e guardá-la para, assim, termos fôrragem e boas rações para o gado.

O grupo da lenha lá andou, a pegar em braçadas de erva para a máquina moer — a sua missão principal. Alguns houve que foram carregar o atrelado do tractor de erva aos campos; outros, munidos de ancinhos e forquilha, espalham o pasto para, assim, mais facilmente encherem o silo.

Houve muito trabalho e muita alegria e força de vontade — e o silo já está cheio! Os campos que ficaram livres vão ser preparados para o milho, pois o tempo está a chegar.

UM PEDIDO — Aproxima-se o Verão e, com ele, as férias, tempo de recuperação do desgaste de um ano de trabalho. Para que tal seja possível, as nossas casas de Azurara estiveram a ser arranjadas — mas surgiu um problema. Com cada turno de rapazes que vai para a praia, é costume irem dois casais da Obra. Ora no frigorífico da casa grande não cabem todos os mantimentos necessários. Apelamos para a generosidade dos nossos amigos, pois precisamos de dois frigoríficos para as casas dos nossos casais.

Agradecemos a vossa atenção.

DESPORTO — Mais um jogo e mais uma vitória sobre a equipa que nos convidou e que tem um elemento que é um dos nossos rapazes: o Adegas, que casou e trabalha como jardineiro na Câmara M. do Porto. Mais uma vez deixamos o convite para equipas amigas que queiram jogar e conviver connosco, pois estamos dispostos a receber todos os nossos Amigos.

PISCINA — Quando o calor começa a apertar, quem não aprecia um banho refrescante?

Para termos a nossa piscina em ordem começou a ser limpa e a encher, para brevemente iniciarmos a época balnear.



A filha do Quim do Porto, com um mês e meio. Ele foi de Paço de Sousa. Agora, mai-los seus, está em Montreal (Canadá).

É uma festa, para os nossos rapazes, poderem refrescar-se ao fim do dia!

Esperamos que este ano não surjam problemas no seu funcionamento.

«Réguas»



VACARIA — Mais uma vaca que teve cria. Esta é já a segunda, este ano. Foi uma vitela. Tivemos pouca sorte porque nós queríamos vitelos e não vitelas. Mas só Deus é que sabe o que as vacas têm para nascer.

Essa vaca, por acaso, é boa de leite. Chega a dar 30 litros por dia. Nós não sabemos agora quanto vai dar, porque o leite é para a vitelinha.

AGRICULTURA — Já começamos a preparar a terra para semear batatas. Lá anda o Mota com o motorcultivador a fregar a terra e faz trabalho com sacrifício para termos boa batata.

Os nossos campos de azevém estão muito sujos e estamos a ver se os limpamos para termos boa semente.

Na horta já semearam cenouras e couve de repolho. A terra que resta é para cebola e tomate.

FRUTA — Temos 13 canteiros com morangos. Fazem crescer água na boca! São tratados pelo Mota. E temos morangos quase todo o ano. Nos pomares foram feitos regos para regar e adubar as árvores.

Um dia destes assaltaram as laranjas, às 11 horas da noite. Assim não pode ser! Então nós andamos a trabalhar para os outros roubarem!?

TÓ — O Tó é muito falador. Até parece que engoliu um disco! Passa o dia, de manhã à noite, a falar. Por isso, é que lhe pusemos o nome de «Fala-barato».

O que ele diz hoje, torna a repetir amanhã e depois. Sempre a falar. Não pára!

OBRAS — Continua em obras o novo pavilhão gimno-desportivo. Já tem quase todos os vidros nas janelas. Os tacos estão também no fim. O sr. Padre Baptista pediu ajuda à comunidade de Paço de Sousa para a tacaria. Vieram dois rapazes e um

mais velho com máquina de lixar. A obra está quase no fim!

GINÁSTICA — Nós temos um professor que vem dois dias por semana orientar exercícios de ginástica só para os mais pequenos. Assim, ficamos todos a praticar ginástica.

POSTO DE LEITE — Esteve em obras. Foi alargado para dar lugar a um depósito frigorífico. Agora é só esperar por ele. Fizeram uma parede nova e alargaram mais a porta, se não o depósito não cabia.

GARA NOVA — Mais uma carreta nova veio juntar-se ao nosso grupo. Veio da Póvoa de Varzim. Tem 14 anos e chama-se José Vítor Martins da Silva. Foram umas senhoras que o trouxeram no passado dia 25. O pai dele morreu, a mãe abandonou-o e tem mais 8 irmãos.

«Palhaços»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Agora, não é o leite da filha — de conta dos nossos leitores — nem o acabamento da moradia, mas a doença da criança que leva a mãe a procurar, de urgência, o tesoureiro da Conferência. «Ela precisa d'aviar remédios mais caros... Pede a nossa ajuda. Com'há-de ser...!?»

São mais as célebres taxas moderadoras..., que para os Pobres diríamos mortificadoras! Neste mundo é sempre assim — os Pobres é que sofrem!

O vicentino termina o recado, já com os pés no estribo rumo a Fátima, integrado na peregrinação da Sociedade de S. Vicente de Paulo — como representante da nossa Conferência:

— Estamos no fundo da caixa... É preciso cuidado! Há muitos encargos à vista...!

— Acudamos. Ainda que se fique sem nada. Deus supre!

Cumprida mais esta missão, ele segue para terras da Virgem, fe-



AQUI, LISBOA!

Em linguagem simples e sincopada temos vindo a referir-nos ao aborto, marcando a nossa frontal oposição àquilo que o Concílio Vaticano II classificou de «crime abominável». Hoje, para terminar, completaremos o assunto com duas notas.

A primeira ainda em conexão com o que escrevemos há duas semanas a propósito da chamada explosão demográfica. Recentes estudos de investigadores, oriundos dos mais variados quadrantes, refutam de maneira inequívoca os chamados profetas fatalistas do «excesso de população». O economista J. L. Simon, por exemplo, contesta de maneira fundamentada a «superstição» do esgotamento das reservas naturais, afirmando que nada pode levar a concluir que elas estejam a caminho do fim e que o contínuo progresso da técnica, que nada admite pensar como terminado, permitirá novos métodos, mais práticos e económicos, de encontrar novos filões de matérias primas e de substitutivos. Tecnologias avançadas, cada vez mais sofisticadas, permitirão aproveitamentos incríveis, até agora não previstos, tendo em conta apenas o planeta habitado pelo homem, onde os geólogos dizem encontrar-se potencialidades incomensuráveis.

A poluição do ambiente, por outro lado, se o homem assim o entender, poder-se-á resolver com empenhamento, um pouco de técnica e financiamentos adequados. Para Simon, a predição da fome mundial é um erro, pelas razões já aqui anteriormente apontadas. Se a alimentação do homem moderno é melhor do que a dos seus antepassados, pelo aumento das áreas cultivadas e pelo rendimento das explorações, há que aplicar os processos tecnológicos às outras zonas. Simon critica também severamente todos aqueles que querem impor, pelo desrespeito da liberdade de cada um, um controlo da natalidade, partindo da ideia simplista que os países mais prósperos serão aqueles cujo crescimento da população fosse nulo ou baixasse, na perspectiva de que sendo a riqueza de uma nação fixa e, por conseguinte, quanto menos pessoas houver mais bens caberão a cada uma. Simon conclui que a riqueza não é um dado acabado, mas produzido pelos homens e que, quantas mais pessoas houver, mais riquezas terá na nação. O trabalho pessoal e o «conhecimento criativo» são o «recurso» a que se refere no trabalho citado — «O último recurso».

A segunda e última nota

que importa fixar é que, com o aborto, não se elimina apenas uma vida, um corpo, isto é, não se mata apenas um ser humano. Para um católico consciente há que lembrar ser doutrina certa que as almas dos suprimidos nessas circunstâncias serão subtraídas do seu destino sobrenatural, porque assassinados antes de receberem o Baptismo. De qualquer maneira há que, ao concluir, afirmar esta verdade comezinha: tornar legal uma coisa não significa que ela se torne humana ou moral. Não ao aborto, pois. Matar é a maneira fácil de resolver os problemas postos.

● Ao sair este número de O GAIATO estará em Portugal João Paulo II, como peregrino e Pastor da Igreja Universal. Não queríamos deixar de, nesta secção, referirmos o facto, pelo que representa e significa. Cristãos-pobres, embora pobres e fracos, não entendemos o nosso Baptismo e a nossa missão fora de uma união íntima ao Sucessor de Pedro. É que, aqui ou noutra qualquer lugar, como Pai Américo, «somos da Igreja, do Bispo e do Papa» e assim desejáramos morrer.

● FESTAS — A de Loures foi adiada para o dia 22, no mesmo local e à mesma hora. Consultar o local apropriado.

Padre Luiz

SETUBAL

Cont. da 1.ª página

faz? Não há cadeias? Escolas de reeducação? Judiciária?

A sociedade de hoje lembra-me a velha história do benemérito rico que tendo feito os pobres, explorando-os em seu proveito, depois os protege com largas esmolas.

A sociedade actual tem montados os seus mecanismos para fabricar os criminosos, os drogados, os marginais, os desgraçados; e tem, depois, toda essa «gloriosa»(?) acção recuperadora através da Polícia, da Judiciária, dos Tribunais, das Cadeias, dos Centros de recuperação, etc... que produzem, como toda a gente sabe..., «um resultadão»(!) — e... fazem os jovens muito felizes(!)...

É extraordinariamente triste o espectáculo que os responsáveis apresentam!

Eles, sim, deviam ser — e serão — condenados por um sentido íntegro de justiça que irrompe do íntimo de cada homem. Os jovens, esses, são a presa fácil desta sociedade iníqua e irresponsável.

Em vez de se ter a coragem de ir às fontes do mal e estancá-las, quanto se pode, numa organização que sirva sempre e em primeiríssimo lugar os mais novos, não; aumenta-se o caudal e, aqui e além, vão-se reforçando os diques e tapan-do os rambos. Os crimes dos jovens, por mais inéditos que apareçam, são o resultado lógico duma sociedade sem lógica.

Padre Actlio

Frei Mário Veronetto

Já lá vão muito anos, mas os leitores de «velha guarda» recordam, com certeza, aquele marítimo italiano que, falado por outro, português, seu colega a bordo de um cargueiro com base em Roterdão, conheceu a Obra da Rua e de tal modo acreditou nela e a amou que lhe ofereceu todas as suas economias, naquele tempo de escudo forte, a passar bastante de duzentos contos.

Nunca nos viu e nunca o vimos. Tivemos essa esperança, dada a sua vida de embaixador. Mas o seu navio nunca tocou os nossos portos.

Depois daquele dom, estabeleceu-nos uma mesada, parte graúda dos seus vencimentos, dos quais guardava para si só o indispensável à subsistência. Quantas vezes lhe pedi que, em vez dessa remessa, viesse ele! O gosto de nos conhecermos valia bem o preço da viagem, do qual prescindiríamos encantados! Mas não veio. Vinham as suas cartas cheias de espírito e de reflexões admiráveis. O mar era o seu claustro. O tempo livre das obrigações era tempo de contemplação.

Por isso não nos surpreendeu a notícia chegada uns três ou quatro anos passados sobre a nossa convivência: Ia deixar o oceano para mergulhar no silêncio de um convento.

Primeiro foi Assis, a pátria do Pobrezinho, seu Mestre, de quem estamos a celebrar o oitavo centenário. Afé o seu noviciado. Depois foi Ligure, nos Padres Capuchinhos de S.ta Margarida onde professou.

A princípio a correspondência era frequente, com largas descrições de Assis que espevitavam o meu velho desejo de conhecer o Vale de S. Francisco e o outro mais recente de o conhecer a ele, Mário Veronetto. Depois foi rareando. Mas sempre, na ocasião das grandes Festas, o correio trazia um sinal da sua amizade e da sua oração por nós, o dom maior que substituiu aquela grande remessa da primeira vez e as outras mensais que a prolongaram durante alguns anos.

No último Natal, nada. Em regra, era ele o primeiro a escrever. Mas desta vez, nem resposta... Estranhei. Mas só há dias soube que Deus o veio buscar no derradeiro Novembro: «Os últimos dias passados muito mal. Perdeu quase a sua identidade. A morte foi para ele uma verdadeira libertação. Estive perto dele até o último suspiro. A Irmã Amália, franciscana, nunca o abandonou. Esperamos que Deus o acolheu no Seu Reino. Temos dele muita lembrança carinhosa. A sua memória é sempre presente no meio de nós com orações e pelo bem que ele fez». Assim relata Padre Romano, o seu Superior conventual.

O nosso Deus é o Senhor do Silêncio. «Os Seus pensamentos e os Seus caminhos estão

acima dos nossos como o Firmamento além da Terra.» Como é admirável este cruzar de vidas em planos que só Ele estabelece! É Ele, e só Ele, Quem escreve a História da Salvação!

A Obra da Rua é agora mais rica. Se Frei Mário a amou, como amou durante a vida, quanto a não há-de amar no agora eterno que é a Vida!

Padre Carlos

Habitação

Quando a gente anda por lá, nos domínios da Auto-construção, sentimos o coração esmagado por lamentações e descrença, pela marginalização a que se vota a Família no sector específico da Habitação!

Concretamente, duas breves amostras:

É um trabalhador que recorre ao crédito — dito bonificado — há mais de meio ano e, além da fugaz visita dos técnicos, nem recado nem resposta! Tem a moradia a meio...

É outro que principia a venda com muito esforço, leva paredes ao telhado, mas... inverte a marcha creditícia, apavorado com os juros e amortizações ao longo do tempo. Pois terá de caminhar lentamente, só com a magra poupança do agregado..., até ao cimo do calvário — que será por muitos anos!

Mais ainda: Em leitura rápida pelos órgãos de comunicação social, topamos num deles, em cartas ao director (por sinal, bom velho Amigo!), uma expressiva carta de que transcrevemos parte com a devida vénia:

«Sou uma das vítimas da falta de casas, verdadeiro cancro da nossa sociedade, que traz indignada grande parte da população portuguesa, principalmente os pretendentes a formar famílias, como é o meu caso. Poderia escrever, em forma de lamentações, um livro acerca deste caso; dispenso-me, porém, de mais comentários...»

Não vivo, felizmente, em nenhum bairro de lata, nem sou pedinte, mas acho que, com 27 anos, 17 dos quais a trabalhar, merecia que o Estado me desse oportunidade de um dia poder vir a ter a minha própria casa, para evitar andar sempre com os trapos às costas, como agora acontece.

Só peço que não me façam pagar cinco mil contos, de amortizações e juros, por um empréstimo de mil, como é a modalidade actual...»

Eis o duro calvário de milhares e milhares de Famílias portuguesas!

Júlio Mendes

liz, na companhia de outros recoveiros dos Pobres, aquacer a alma de Fogo indispensável à nossa missão.

● Já tínhamos feito uma primeira abordagem junto do pobre ancião, que reside em moradia de pedras soltas — junto do rio cuja água o Porto bebe todos os dias — e fora poiso doutro rendeiro como ele, mãos calejadas pela enxada, pele crestada ao sol.

Naquele dia frio, estava recostado ao tosco granito, e satisfeito, que a filha trá-lo com meiguice e muita limpeza.

Não vimos miséria, Pobreza branca, sim, diria Pai Américo. O ancião é pensionista e os filhos procuram estar presentes, consoante as suas posses.

Evitámos agir... Mas, entretanto, outro vicentino insiste. E, agora, uma vicentina:

— A filha de F. é solteira para olhar pelo pai... Dá um dia aqui, outro acolá, p'ra ter prós dois. Mas está doente e ambos a passar malzinho... Os filhos vão dando alguma cousinha, que não chega. Ela chora que nem uma criança...!

A problemática da terceira idade é acutilante — nos meios rurais!

PARTILHA — Assinante 22890 divide cheque pelos Pobres da Conferência e acrescenta: «Muito feliz me sinto quando leio as ofertas no jornal. Pena tenho de a minha não poder ser maior. No entanto, é com bastante alegria que envio esta migalhinha.»

Casal-assinante 17022, o vale habitual. Outro vale de correio, de Lisboa, prò bombeiro. Vicentino, do Porto, reparte com os Pobres. S. Pe-

dro do Sul, assinante 22311 faz por lá meritório trabalho e não deixa de lembrar quem precisa, por estas bandas!

Pedras Rubras:

«Fiquei sem a minha mãe. E ao pretender dar destino a umas pequenas economias que deixou, foi a vossa Conferência que me ocorreu, por saber onde estarão as pessoas necessitadas deste dinheiro. Só ponho uma condição: gostaria que ele fosse distribuído por pessoas idosas, já que Deus permitiu que à minha querida mãe nada faltasse; e que este dinheiro desse um pouco de alegria a alguns velhinhos que não tenham quem olhe por eles.»

Assinante 24932, das Caldas da Rainha, parte de um cheque «para a Conferência». Acrescenta: «Lector de há muitos anos de O GAIATO, é sempre com redobrado interesse que o espero... para alimentar o meu espírito com a doutrina em que sempre é fértil.»

O Mendão trouxe, de Aveiro, cinco notas de boa Amiga que lembra, assiduamente, os Pobres de Paço de Sousa. E 3.900\$00, em vale de correio, doutra Amiga, de Paço de Arcos, cuja perseverança estimula a nossa acção — fruto do seu vencimento mensal.

Agora, 10 rands de Durban «por alma de minha querida mãe». E 200\$00 da que foi «Lecista da Figueira». «Fico satisfeita», acentua, «por ver como Deus abre os corações bons... Da minha parte vão, apenas, umas migalhinhas para algumas necessidades e solicitações» — que são sempre muitas, como é óbvio.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

NOTAS DA QUINZENA

● Estoiram foguetes no velho lugar — à saúde da santinha, vestida de doirado e impassível no seu altar de talha. Música, rancho e conjunto para o arraial. Tudo à grande no dia da festa do ano. No ano de 1981 a despesa foi de 2 mil contos. O povo deu: uns por vaidade, outros por vergonha, alguns por medo.

Tudo vai à Missa — no dia de festa, cantada e pregada. De resto, em todos os domingos quase todos vão... É a tradição. Com raras excepções

PARTILHANDO

Cont. da 1.ª página

● A chuva era invernal nesta manhã de Primavera. A minha frente o rio Douro, indiferente, seguia apressadamente seu caminho. A meu lado, Miragaia e Barredo — zonas pobres e tristes do Porto — com um fundo de paisagem tão bonito! Se o nível de vida dependesse da paisagem... éramos ricos. Mas..., por aquelas zonas se vê que nem da paisagem somos merecedores!

Enquanto esperava que o tempo aliviasse, tinha à mão, por acaso, um livro que fala dos Pobres, de um mundo assustador entre pobres e ricos. Da abundância de uns nasce a pobreza de outros. A acumulação de bens aqui, aumenta a falta deles acolá. Materialmente ligado, o mundo vive divorciado do bem-comum. Ali mesmo, o Barredo de Pai Américo é uma pequena-grande amostra!... Os «barredos» permanecem e aumentam! E a chuva de Inverno continua a cair nesta manhã de Primavera...

Padre Moura

— só tradição. O Cristianismo fica longe! O Evangelho!

Há famílias na aldeia que andam a construir a sua casa com tanto sacrifício e dificuldades! Também estas deram e vão à missinha.

O mesmo esforço a favor dos mais débeis e era uma casa por ano! Faziam assim os primeiros cristãos! Mas nós, não! Somos pagãos endurecidos. Pensamos em nós e esquecemos Deus e os outros. Construímos o nosso bezerro de ouro e adoramo-lo com danças e foguetes. A festa mete sempre a procissão — onde todos vestimos a cara angélica das crianças que, no meio dos andores, representam os santos da terra.

● A nossa égua teve um cavalinho. Que lindo! No dia, foi uma romaria! «Venha ver.» E tive que ir.

Galinhas, cães, patos, vitelos e leitões é habitual. Mas um cavalinho de verdade... foi mesmo preciso ver com os olhos a linda realidade. Um deslumbramento! E se a mãe deixasse, seriam duzentas mãos no sedoso do seu pelo.

O feitiço do Carlitos — que faz aparecer na manjedoura da égua a ração das vacas leiteiras! — está perdoado. Este dia de encantamento pagou tudo.

Veio também um cabrito que um visitante encontrou perdido na estrada e deu ao «Lourinho». Biberão a funcionar e ele atrás dele para toda a parte.

Lições, escola e vida! Nas vielas da Sé, Miragaia e outras não cabem um potro e um cabritinho. As crianças brincam na rua onde os mais velhos põem o lixo.

As cidades continuam a crescer sem zonas verdes, parques infantis e piscinas. Cons-

trói-se de qualquer forma... e sem a mínima atenção pelas nossas crianças. Nós as jogamos em prédios estúpidos. Nas ruas não cabem os carros. Não há mais espaço para elas! Amarfanhámos seu coração.

● Ontem, domingo, veio um visitante e falou um pouco zangado ao nosso chefe de cicerones que não valia a pena dar nada pois nunca agradeceramos. O chefe veio ter comigo, um pouco desapontado e eu fiquei triste.

REFLECTINDO

A mãe ficou com um filho nos braços. O pai foi à vida dele, indiferente à sorte dos dois. Para remediar a situação ela casa com um homem de idade avançada, que podia ser mais que pai dela. Este perfilha o pequeno. Mas a situação não se mantém. A mãe deixa a casa, em busca de uma vida fácil... O filho fica entregue ao homem idoso, que tem mais necessidade que olhem por ele do que capacidade para tomar conta do miúdo... que sem pai nem mãe vem para a Casa do Gaiato. Apesar dos seus quatro anos, traz já em si as marcas de tudo o que lhe faltou. Passeia pela nossa quinta, que agora é dele, mas nos seus ombros, sem ainda ter consciência disso, traz o forte peso dos pecados dos outros.

Um casal com cinco filhos vivia numa barraca. Situação de miséria, mas a família unida. A Conferência vicentina da terra olhando para a necessidade de lhes dar melhores condições, luta para os ajudar. Procura. Conseguir uma casa da Câmara com as divisões necessárias para esta família, magoada, poder enfim viver dignamente.

A família muda-se. Com certeza alegria em todos. Mas... o pai resolve deitar para longe os seus compromissos. Larga a família e vai viver

Dar para que nos agradecemos, não presta; dar para que nos dêem a nós, ainda pior. «Não saibas a tua direita o que faz a tua esquerda.»

Podemos nem sempre responder... Mas todos os dias nós pedimos a Deus ajuda para todos os que nos ajudam.

Outra nota que todos os domingos nos entristece é a inconsciência com que alguns visitantes entregam dinheiro às crianças. Ainda há dias, um pequenito me veio entregar uma nota de mil escudos. Nem sequer conhece o dinheiro!

Podia entregá-la na venda a troco duma bugiganga (como já tem acontecido); tê-la perdido; ser entregue a um qualquer para alimentar vícios antigos. Que pai põe na mão dos filhos dinheiro sem um fim determinado e sem medida?

Há nos domingos e festas um chefe da Aldeia (que é sempre um rapaz e às vezes bem novo!) com a obrigação de atender as pessoas — e responsável.

Padre Telmo

Estas e tantas outras histórias, semelhantes, que batem à nossa porta, para além de um número ainda maior que não chega cá, têm por causa, principalmente, uma forte falta de formação humana. Falta de formação que atinge os próprios que carecem dela — e muito directamente aqueles que dependem deles.

Tudo o que se faça, no sentido de formar as consciências, de preparar as pessoas para terem uma noção certa sobre os valores fundamentais da vida, é com certeza um trabalho de primeira importância dentro da sociedade. O que se não faça, é com certeza um dos maiores pesos nos pecados de todos nós.

Padre Abel

FESTAS

ZONA CENTRO

MAIO

Dia 21, às 21,30 h — Cine-Teatro de Tomar

Bilhetes à venda: Armazem Barateiro e na bilheteira do Cine-Teatro.

» 22, às 21,30 h — Salão da Casa do Povo — MIRA

» 23, às 15,30 h — Teatro Alves Coelho — ARGANIL

» 28, às 21,30 h — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA

» 29, às 21,30 h — Salão dos Bombeiros — CANTANHEDE

JUNHO

Dia 4, às 21,30 h — Cine-Teatro Império — LOUSA

» 5, às 21,30 h — Teatro de ANADIA

» 12, às 21,30 h — Cine-Teatro Messias — MEALHADA

ZONA SUL

MAIO

Dia 15, às 21 h — Humanitária de PALMELA

» 21, às 21,30 h — Teatro Luísa Tody — SETUBAL

» 22, às 21 h — Sociedade Quinta do Anjo — PALMELA

» 22, às 15,30 h — Cinema dos Bombeiros Voluntários — LOURES

Bilhetes à venda: Ourivesaria Miranda — Loures; e Casa do Gaiato do Tojal, Telef. 9849019

TRIBUNA DE COIMBRA

Retalhos de vida. Vidas retalhadas. Aquela terra, no Verão, é terra de grande prazer. No Inverno, é de saborear amargamente o lixo humano ali deixado.

Estes dois, que agora são nossos filhos, já vieram por duas vezes. Na primeira, foi o que se diz pai que os veio trazer. Passado tempo veio buscá-los; mas, a vida com nova amante, depressa aborreceu os filhos e os abandonou. Na segunda foi a mãe que veio. Em ambas o pároco e vicentinos pediram para abrímos a porta «a mais esta grande desgraça». Os avós têm sido os grandes torturados com a sorte dos netos e têm chorado lágrimas de

sangue. «A triste sorte que a gente teve!» — desabafam eles ao olhar para os meninos. São cinco netinhos.

Ontem veio a mãe trazer as cédulas. Há anos à espera e diz ter dado muitas voltas para as receber dos Registos Centrais. Foram registados filhos «de pai incógnito». Só à margem do assento foi agora lavrada uma nota a dizer que são filhos de... Um homem que não lhes é nada, mas com quem a mãe casou em nova. Este homem não conhece os meninos e, com certeza, não terá dado o seu consentimento para a filiação.

Os meninos agora ainda não dão conta. É um mundo des-

conhecido. Um dia hão-de ter consciência deste estado de mentira. Já agora eles não gostam de dizer o nome da terra que lhes disseram que é a sua. O mais pequenito, outro dia, disse que tinha dois pais e duas mães. Disse-o com muita tristeza, na sua inocência de cinco anos.

Quando os vejo tristes dói-me a vida toda por todas as mentiras e desgraças legais e legalizadas.

Tu que me lês e que amas, chora comigo as nossas desgraças e as nossas mentiras. Chora comigo as lágrimas de tantos, tantos inocentes!

Padre Horácio



Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa